

# CINCO RESOLUÇÕES PARA O AVIVAMENTO PESSOAL

*Jim Elliff*

*Eis que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça.*

Isaías 59.1-2

Você quer ser um instrumento nas mãos de Deus? Deseja ver o poder de Deus utilizando-o como seu instrumento? Você almeja que suas orações sejam respondidas? Se deseja estas coisas, então, a barreira do pecado que se encontra entre você e Deus tem de ser demolida, e o estilo de vida de santidade e amor a Deus, renovado. Embora todo crente esteja perdoado e colocado eternamente em Cristo, Deus resolve trazer disciplina e permitir ineficácia na vida de seus filhos desobedientes. Para sermos restaurados, uma cirurgia espiritual tem de acontecer.

O avivamento pessoal começa quando o crente encara com honestidade o seu pecado. Embora seja uma atitude dolorosa, somente a sinceridade com Deus e com os outros capacitarão o crente a andar em pureza e poder. As seguintes resoluções não constituem uma fórmula, mas são exigidas de todo crente. Orando com

humildade, examine seu próprio coração. Comece agora mesmo a arrepender-se e a voltar-se para Ele. Coloque toda a sua confiança em Deus, pois somente Ele pode torná-lo santo. Pague o preço necessário para estar correto em seu relacionamento com Deus e ser um meio de vivificação espiritual para outras pessoas.

## **1. ARREPENDA-SE DE TODO PECADO CONHECIDO.**

*Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te (Ap 3.19).*

**Resolução** – Não dormirei hoje à noite, nem viverei este dia, sem me arrepender completamente de todo pecado conhecido que tenho praticado contra Deus (Tg 4.4-10; 2 Co 7.10).

## 2. ABANDONE TODOS OS HÁBITOS E ATIVIDADES QUESTIONÁVEIS.

*Tudo o que não provém de fé é pecado (Rm 14.23b).*

**Resolução** – Não dormirei hoje à noite, nem viverei este dia, sem remover de minha vida todo hábito e toda atividade dos quais eu não posso ter absoluta certeza de que são aprovados por Deus (1 Co 10.31; Rm 13.14; 14.14).

## 3. CORRIJA OS ERROS QUE EXISTEM ENTRE VOCÊ E OUTROS IRMÃOS.

*Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta (Mt 5.23-24).*

**Resolução** – Não dormirei hoje à noite, nem viverei este dia, sem fazer tudo que for possível para corrigir quaisquer erros entre eu mesmo e meu irmão (Mt 6.14-15; 18.15-35; Rm 12.17-21; Cl 3.12-15). Confissão aos outros deve ser tão pública quanto o nosso pecado e pode incluir restituição.

## 4. MANTENHA COMUNHÃO COM DEUS, POR MEIO DA ORAÇÃO E DA MEDITAÇÃO NA PALAVRA DE DEUS.

*Vivifica-me, SENHOR, segundo*

*a tua palavra (Sl 119.107b).  
Orai sem cessar (1 Ts 5.17).*

**Resolução** – Não dormirei hoje à noite, nem viverei este dia, sem passar momentos tranquilos com Deus, em oração, e meditar sinceramente em sua Palavra (1 Pe 2.2-3; Jo 17.17; 16.23-24; Cl 3.15-16; Mc 11.22-26).

## 5. CONFIE EM DEUS PARA USAR VOCÊ COMO UM INSTRUMENTO NA VIDA DE OUTRAS PESSOAS.

*Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter, sabe que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados (Tg 5.19-20).*

**Resolução** – Não dormirei hoje à noite, nem viverei este dia, sem suplicar e esperar que Deus me use como um instrumento eficiente na vida de outras pessoas (2 Tm 2.20-21; Jo 15.16; Cl 4.3-6; Jd 22-23; 1 Pe 4.11; Sl 51.10-13).

**Lembre-se** destas resoluções todos os dias, até que sua maneira de pensar se conforme à santidade e sua vida seja vivificada e útil. Nunca deixe de aplicar estas resoluções. É muito útil escrever aquilo que Deus lhe mostra que deve ser feito.

**Se você enfraquecer** em sua intensidade e em seu desejo por santidade, não desista, nem retorne a um coração dividido e a uma vida egoísta.

ta. Arrependa-se imediatamente de seu coração apático e de sua falta de amor para com Deus e avance. Não permita que o pecado exerça seu domínio (ver Rm 6.12,13).

**Suplique** a Deus que aproxime de você alguns crentes com os quais poderá compartilhar, regularmente, suas lutas, descobertas e vitórias no caminho da santidade. Orem juntos, com seriedade, para que haja avivamento em vocês mesmos e em outros crentes. Em cada reunião, considerem novamente estas resoluções, uma por uma, relatando os avanços e as lutas; discutam também as novas percepções obtidas das Escrituras. Façam da sinceridade e do

arrependimento a sua confissão de fé. Admoestem uns aos outros, com humildade. Falem a verdade uns aos outros, com amor. Não duvidem do valor de tais reuniões e da habilidade de Deus em usá-los. Deus os apoiará completamente (2 Cr 16.9).

**EM TODAS AS OCASIÕES, EVITE O ORGULHO ESPIRITUAL.**

*Socorre, SENHOR, Deus meu! Salva-me segundo a tua misericórdia. Para que saibam vir isso das tuas mãos; que tu, SENHOR, o fizeste (Sl 109.26-27).*

## OUSE SER FIRME

*Stuart Olyott*

Há muitos crentes fortes que não podem ser derrubados por tentações drásticas e súbitas, mas cuja resistência pode ser arruinada. Prejudicar os santos do Altíssimo (Dn 7.25) é uma das táticas do maligno. Ele bem sabe que a água, pingando constantemente, desgasta a pedra dura. Assim, muitas de suas tentações não são violentas, mas sutis e suaves. Apresenta as mesmas sugestões uma, duas, três ou mais vezes, até que estas nos impressionem. Semeia a idéia de que um determinado pecado talvez não seja prejudicial, podendo até mesmo ser útil. E, mau como é, pode preferir manifestar-se como um anjo de luz. Com freqüência, a resistência de um crente desmorona diante destas abordagens, arruinando o seu testemunho.

“Resisti ao diabo e ele fugirá de vós”, dizem as Escrituras (Tg 4.7).

O *único* modo de escapar ao diabo é enfrentá-lo com determinação. Não há outro jeito de evitarmos suas garras e permanecermos livres de seu poder.

(Extraído do livro “Ouse Ser Firme”, Editora Fiel, pp.86,88)

# OBEDIÊNCIA DE CORAÇÃO

*Charles Bridges*

*Filho meu, não te esqueças dos meus ensinos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz.*

Provérbios 3.1-2

Esta não é a linguagem austera do mandamento. É a voz de nosso Pai em toda a afetuosa persuasão da promessa — *filho meu*. Ele já nos havia instruído a buscar e a procurar a sabedoria, bem como a enxergar as suas bênçãos inigualáveis. Agora Ele nos chama a um exercício prático — *não te esqueças dos meus ensinos*. O voluntarioso esquecimento do nosso coração (Pv 2.17; Sl 9.17, 10.4; cf. Pv 4.23; Dt 4.23; Sl 119.93,76), e não a debilidade da memória (para a qual uma ajuda especial é suprida, embora tenhamos que seja também muito negligenciada — Jo 14.26), é o que está implícito nessas palavras. *Permita que o seu coração*, como a arca da aliança, *seja o lugar de guardar os meus mandamentos* (Pv 4.4; Dt 11.18; Is 52.7). E não é este o nosso desejo como filhos — “tomara sejam firmes os meus passos, para que eu observe os teus preceitos” (Sl 119.5; cf. Sl 119.

69,129), enquanto nossa incapacidade consciente se apodera da promessa da aliança — “na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei” (Jr 31.33)?

Na verdade, nenhuma lei, exceto a de Deus, pode refrear o coração. Toda a obediência aceitável começa ali. O coração é a primeira coisa que vagueia longe de Deus; também é a primeira coisa a voltar para Ele. Observe o princípio vital (Pv 4.13; Rm 6.17). Toda religião, sem isso, é apenas um nome; e, por mais que o crente professo lance mão de muitos artifícios para dar vida ao seu cristianismo, todos os artifícios falharão — “Assim será a sua raiz como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó” (Is 5.24). Se cada momento fosse repleto de ações de benevolência ou de piedade externa, e, mesmo assim, o coração não fosse despertado a guardar os mandamentos, a voz de repreensão seria ouvida: “Quem vos

requereu o só pisardes os meus átrios?” (Is 1.12). O deleite do homem interior (Rm 7.22) imprime excelência no serviço. Este prazer e a perseverança no dever fluem de uma graciosa transformação do coração (veja Ez 11.19; 36.26-27).

Nesta obediência também repousa o nosso interesse, não apenas a nossa obrigação. A recompensa desta obediência (e precisamos acrescentar — uma recompensa da graça) é uma vida longa e feliz — o maior bem deste mundo (Sl 34.12; Pv 4.10, 9.11, 10.27). Os ímpios, sem dúvida, vivem vida longa, enquanto os piedosos às vezes não chegarão à metade de seus dias. Os ímpios morrem com aparente conforto externo; os justos, em dificuldades externas. No entanto, dias longos são uma promessa para os justos, quer na terra, quer no céu, como seu Pai achar melhor. Em si mesma, a promessa no tocante à vida não possui qualquer encanto. Para o ímpio, é uma maldição (Gn 4.11-15; Is 65.20); para o povo de Deus é uma provação

de fé e paciência (Gn 27.46; 1 Rs 19.4; Jó 7.16; Fp 1.23-24; Ap 22.20); e para todos é fadiga (Sl 90.10; Ec 12.1). Todavia, a paz resultante desta obediência constitui a alegria no caminho árduo (Sl 119.165; Is 32.17; 48.17-18) — paz com Deus mediante “a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1 Pe 1.2; cf. Rm 5.1; Ef 2.13-14; Cl 1.20); paz eterna na casa e na presença de Deus (Sl 37.37; Is 57.2), onde todas as contendas de uma carne rebelde e todas as investidas de uma vontade perversa e obstinada terão cessado para sempre. “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas” (Ap 22.14).

(Este artigo foi adaptado de “Um comentário em Provérbios”, publicado pela Banner of Truth Trust.)



*O atual declínio na pregação se deve, não a causas externas, mas a um declínio prévio na crença na Bíblia como Palavra de Deus, autoritativa e inerrante, da parte dos teólogos da igreja, dos professores dos seminários, e daqueles ministros que por eles são treinados. Dito com toda a simplicidade: trata-se da perda de confiança na existência de uma Palavra proveniente de Deus.*

**James Montgomery Boice**

# POR QUE PRECISAMOS DE UM SALVADOR?

*Edward Donnelly*

*Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.*

Salmos 51.1-2

Diz-se que o ser humano possui três necessidades básicas: alimento, vestes e habitação. Estas são, com certeza, necessidades humanas básicas. Todavia, existe uma necessidade vital que evidentemente está fora da lista. “Qual é essa necessidade?” — talvez você pergunte. Ora, é a necessidade de um Salvador; é a necessidade de crer em Jesus Cristo e de se render a Ele.

Espero que você pergunte a si mesmo: "Por que eu preciso crer em Jesus Cristo?" Render-se a Cristo é, antes de tudo, um passo muito elevado. Por que você deve fazê-lo? Por causa do pecado. Todos nós somos pecadores, e Cristo veio para salvar os pecadores. Você é pecador, e Jesus pode salvá-lo.

Para que entendamos melhor, voltemos ao passado, a Davi, o rei de Israel, que nos ensinará a respeito do pecado. Davi é uma pessoa bem qualificada a fazer isto, porque ele

mesmo foi um grande pecador. Ele cometeu adultério com Bate-Seba, a esposa de outro homem. Davi a contemplou, cobiçou-a e a tomou para si — atitudes más aos olhos de Deus. E o pior de tudo foi que ele abusou de sua posição como autoridade sobre o esposo de Bate-Seba, ao tentar enganá-lo; e, depois de haver falhado nisso, assassinou aquele homem.

Concluimos, assim, que Davi foi um grande pecador — e, neste aspecto, o mais vil dos mais vis pecadores. Mas, apesar disso, ele possui uma grande percepção no que se refere às obras do pecado no coração do homem. Deus outorgou a este rei do antigo Israel um entendimento tão exato e profundo, que ele é capaz de explicar o nosso íntimo para nós mesmos. Ele nos oferece uma percepção mais valiosa do que todos os livros sobre terapia de comportamento que existem no mercado, hoje.

Imagine Davi assentado em seu palácio real, em Jerusalém: um rei de caráter forte e enérgico. Muitas vezes, como guerreiro, ele lutou e venceu com uma simples batalha. Apesar disso, este homem valente e dinâmico poderia estar chorando, quando escreveu as palavras deste salmo. Seus olhos estavam vermelhos, e suas bochechas, listradas pelas lágrimas escorridas. O que ele estava escrevendo em um tablete de cera, utilizando um pedaço de osso ou uma lasca de madeira? Era uma carta pedindo perdão à família do homem que ele assassinara? Não era. Talvez era um aviso para Bate-Seba, sua companheira no adultério, dizendo-lhe que o filhinho deles morreria? Não. O rei Davi estava escrevendo para Deus, e suas palavras iniciais foram as seguintes:

*Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado.*

Este é um dos mais admiráveis diagnósticos do pecado! Nestas palavras, vemos com muita clareza, por que necessitamos de um Salvador. Consideremos estas palavras sob três títulos: Um Reconhecimento do Pecado, Uma Descrição do Pecado e o Perdão do Pecado.

## RECONHECIMENTO DO PECADO

As palavras que Davi utilizou

nesta passagem são as três mais comuns para descrevê-lo: “transgressões”, “iniquidade” e “pecado”. Ele não estava apenas multiplicando palavras, tendo o propósito de encher espaço. Cada uma destas palavras tem um significado distinto, e desejamos considerá-las uma a uma.

Isto o deixa impaciente? Você acha que estou dizendo que você não se interessa por minúcias teológicas ou pelas variações exatas do significado? Suponha que você estivesse seriamente enfermo e que, ao procurar seu médico, ele lhe dissesse: “Quero explicar-lhe a sua doença: ela é constituída de três ou quatro componentes; e você precisa conhecer claramente cada um deles”. Você responderia: “Doutor, não tenho tempo para isso. Não tenho interesse em detalhes médicos. Conte-me apenas o fator mais importante”? É claro que não. Você desejaria ouvir tudo que ele tinha para dizer-lhe. Não gostaria de perder nada, para que soubesse com exatidão o que estava errado com você. Ora, Davi é o doutor de sua alma. Não seja impaciente para com o diagnóstico dele. Esteja atento ao que significa cada uma destas palavras, bem como à ordem em que elas foram utilizadas; tanto o significado quanto a ordem são importantes.

Primeiramente, Davi falou: “*Minhas transgressões*”. Esta é a palavra mais forte. Ela significa “libertar-se” ou “apartar-se” de Deus. Foi utilizada, por exemplo, para referir-se a uma rebelião contra um superior. Em 1 Reis 12.19, lemos: “*Assim, Israel se mantém rebelado contra a casa de Davi, até ao dia de*

hoje”. Aqui aparece a mesma palavra — “Israel transgrediu contra a casa de Davi”. Davi era o senhor e o governador deles; mas os israelitas libertaram-se da autoridade de Davi. Esta palavra é utilizada algumas vezes no ambiente doméstico. Deus falou sobre o Israel desobediente: “Criei filhos e os engrandeci, mas eles estão revoltados [transgrediram] contra mim” (Is 1.2). Podemos imaginar a figura de um adolescente empurrando para o lado os braços amáveis com os quais o pai tenta-

va envolvê-lo. Esta palavra expressava um pecado particularmente ímpio e ordinário. Em Jó 34.37, lemos a respeito de alguém que “ao seu pecado acrescenta rebelião” (transgressão).

Esta foi a primeira palavra que Davi utilizou. Ele estava mostrando como se envergonhava da maneira como havia se rebelado contra os mandamentos de Deus. Deus havia dito: “Não adulterarás”; Davi, porém, tinha ignorado este mandamento. Deus havia dito: “Não dirás falso testemunho”, Davi tinha se afastado deste mandamento. Deus havia dito: “Não matarás”; Davi tinha quebrado este mandamento. Com a palavra “transgressões”, ele estava reconhecendo isso. Estava dizendo: “Senhor, eu desprezei a tua mão; libertei-me de teus braços amáveis; rejeitei a tua autoridade; fiz a minha própria

vontade. Estas são as minhas transgressões”.

No entanto, Davi não parou aí; ele prosseguiu, dizendo: “*Minha iniquidade*”. Enquanto refletia e orava, Davi compreendeu que havia mais coisas erradas em sua vida, além de

seus pecados de adultério e de assassinato. Ele começou a olhar para o seu íntimo, o seu coração, a sua mente e a sua alma. A palavra “iniquidade” significa “curvatura”; refere-se a alguma coisa que foi curvada ou distorcida. Davi

estava dizendo: “Eu não fiz somente estas coisas, mas, em meu coração, sou hipócrita, errante. Meus pensamentos têm sido impuros, e meus propósitos, vergonhosos. Onde eu deveria ter sido sincero e puro, fui desonesto e perverso. No mais íntimo de meu ser, fervilham coisas vis que amam viver e se desenvolver nas trevas profundas. Esta é a minha iniquidade. Sou um homem perverso e trapaceiro”. Este é um quadro desolador. Davi não era apenas um rebelde; era também um hipócrita enganador.

Mas Davi não parou aí. Ele prosseguiu, dizendo: “*Meu pecado*”. A palavra “pecado” significa apenas “errar o alvo”, quando alguém está atirando em um objeto. Significa ficar aquém do objetivo que alguém estava almejando. Juízes 20.16 refere-se a “*setecentos homens escolhi-*

---

■

*Deus outorgou a este rei do antigo Israel um entendimento tão exato e profundo, que ele é capaz de explicar o nosso íntimo para nós mesmos.*

---

■

*dos, canhotos, os quais atiravam com a funda uma pedra num cabelo e não erravam*". "Erravam", aqui, é a mesma palavra "pecado" no texto que estamos considerando.

Você percebeu como o entendimento de Davi a respeito de si mesmo se aprofundou? Ele começou com seu pecado visível, que todos contemplaram. Em seguida, ele passou para as obras distorcidas e secretas de seu homem interior. Mas agora esquadrinha muito mais profundamente e nos diz que, mesmo quando não havia qualquer transgressão, quando ele pensava que estava livre da iniquidade, ele ainda ficava aquém do alvo. Talvez Davi estivesse lendo a Palavra de Deus, ajoelhado em oração ou oferecendo sacrifício no templo. Mas, nessas atividades piedosas, ele errou o alvo. Ele falhou. Ele não alcançou o padrão de Deus para a sua vida. Davi foi um homem que começou pedindo perdão por aquilo que ele era em seu pior estado, mas, antes de terminar, pediu perdão por aquilo que ele era no seu melhor estado.

Com certeza, existe uma diferença entre esta análise ampla e penetrante do pecado e as idéias superficiais que muitos têm em nossos dias. Para a maioria, a confissão de pecado significa pouco mais do que dizer: "Muito bem, eu fiz algumas coisas erradas no passado. Eu não sou perfeito; ninguém é". Porém, neste salmo, encontramos um homem guiado pelo Espírito Santo a compreender algo a respeito da força que o pecado tinha sobre ele — não apenas em suas ações, mas também nas profundezas de sua personalidade. O pecado estava contaminando e des-

truindo cada átomo de seu ser. "*Minhas transgressões... minha iniquidade... meu pecado.*" Este esquadrinhamento da alma se aplica a todos nós. Pois, quando as Escrituras dizem: "Todos pecaram" (Rm 3.23), isto implica que estou sendo descrito nestas palavras de Davi. E, assim você é também.

"*Minhas transgressões.*" Quantas vezes você já fez deliberadamente aquilo que sabe estar errado? Talvez, desde a sua infância você pensava nos mandamentos de Deus, e eles deixaram impressões em sua consciência, ensinando-lhe a não praticar algo, mas você seguiu adiante e praticou tal coisa. Ou, talvez, a sua consciência estava lhe dizendo: "Não faça isso; é errado". Contudo, você ignorou essa influência constrangedora. Você rompeu completamente aqueles vínculos morais, rejeitando os clamores daquilo que você já sabia estar correto.

Talvez você seja um mentiroso ou um trapaceiro. Quando você está preenchendo seu formulário anual de restituição de imposto, exagera em suas despesas e diminui os seus recebimentos. Em seu íntimo, uma voz lhe diz: "Não faça isto. Não roubarás". Mas você transgride. Em seu trabalho, faz promessas que não tem a intenção de cumprir ou oferece aos clientes desculpas que são totalmente mentirosas. É uma atitude errada mas conveniente para você; por isso, você a pratica. Talvez você manteve relações sexuais com alguém que não é sua esposa ou seu esposo. Aquela pessoa era proibida para você, e você sabia disso. Todavia, a sua concupiscência o estava guiando e você

transgrediu. Talvez você tenha causado danos físicos ou psicológicos a alguém; tenha se mostrado descuidado para com as pessoas, ferindo-as em seu coração. Estas atitudes são “*transgressões*”. Elas se encontram em seu passado e caracterizam o seu presente. Você pode não gostar de pensar nelas, mas são inegáveis. Você transgrediu; você se rebelou.

“*Minha iniquidade.*” Você se sente inclinado a dizer: “Eu tenho levado uma vida

caracterizada por moralidade. Sou um pessoa honesta. Nunca tive problemas com a lei, nem jamais me dispus a quebrar as restrições da consciência. Meu comportamento tem sido completamente respeitável”. Mas o que você diz a respeito daquelas partes de sua vida que ninguém vê? Você não tem praticado a sós coisas das quais ficaria envergonhado se alguém mais soubesse? Isto é iniquidade. O que você diz a respeito de seus pensamentos? Se os seus pensamentos da semana que se passou pudessem ser revelados em uma tela de cinema, para todos os seus amigos e vizinhos, você se sentiria à vontade em permanecer e assistir com eles aos seus pensamentos ou desejaria fugir e se esconder? Isto é iniquidade.

Não é verdade que existe em seu íntimo muitas coisas más e enganosas? Às vezes, você não é invejoso? Ou sente ira e raiva pecaminosa? Em algumas ocasiões, você não é egoís-

ta e enganador? Não existe uma diferença entre aquilo que o mundo vê e a pessoa que você realmente é? Isto é iniquidade.

“*Meu pecado.*” Suponhamos, por um momento, aquilo que é impossível: alguém que, tendo uma boa consciência, lavasse as suas mãos e dissesse: “Eu não tenho nenhum pecado em minha vida passada ou presente. Nunca quebrei conscientemente um dos mandamentos de Deus. Além disso,

meu coração é puro, e minha mente, limpa. Não existe um pensamento ou uma emoção dos quais eu me envergonhe no menor grau”. Suponha a fantástica possibilidade de que tal ser humano já existiu. Mesmo que tudo isso fosse verdadeiro, ainda haveria o pecado — o ficar aquém do alvo. “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mt 22.37). Você fez isso hoje? É claro que não. Então, você é um pecador; não atingiu o padrão de Deus. No melhor de nós mesmos, em nosso estado mais elevado, ficamos aquém; todos nós ainda pecamos.

Todos nós estamos descritos nestes versículos — você e eu. Temos de encarar o terrível fato que Davi teve de admitir — “Pequei contra o Senhor”. Temos de chegar a um reconhecimento de nosso pecado.

## UMA DESCRIÇÃO DO PECADO

O que é o pecado? Deus, em sua

— ■ —

*A palavra “pecado”  
significa apenas “errar  
o alvo”, quando alguém  
está atirando em  
um objeto.*

— ■ —

sabedoria e amor, não se contenta em que tenhamos uma simples compreensão intelectual do pecado. Ele deseja que o sintamos, que provemos seu amargor, cheiremos o seu fedor. Deus quer que ouçamos o tom agudo e discordante do nosso pecado, que irrita nossos dentes e nossos nervos com sua horrível dissonância. Deus não quer apenas que estejamos cientes de nosso pecado, mas também que conheçamos a sua tolice e a sua vileza. Por isso, Davi prosseguiu na descrição de seu pecado, utilizando três ilustrações vívidas.

Davi nos conta que o pecado é uma dívida que precisa ser cancelada. Ele escreveu: “Apaga as minhas transgressões”. A palavra hebraica traduzida por “apaga” era empregada para referir-se ao ato de apagar escritos. Moisés clamou a Deus: “Risca-me, peço-te, do livro que escreveste” (Êx 32.32). Deus, em sua misericórdia, não respondeu essa súplica. Mas ela se refere a algo que estava escrito, e Moisés estava pedindo que, se necessário, seu nome fosse removido daquele livro.

Davi utilizou a palavra no mesmo sentido. Ele viu, aberto diante de Deus, os registros do pecado dos homens. Davi contemplou a lista de atos errados debaixo de seu nome. Poderíamos dizer que ele viu o anjo registrador assentado, com sua tinta indelével, escrevendo cada ofensa. Momento após momento, dia após dia, mês após mês, ano após ano, pecado após pecado está sendo registrado. Nenhum é esquecido; cada pecado é colocado no registro. Davi viu esses pecados, como débitos alistados contra ele, aumentando com

regularidade freqüente e clamando por pagamento. Davi sentiu o grande peso de sua dívida.

Infelizmente, estar em dívida é algo normal em nossa sociedade. Para pessoas de consciência sensível, esta é uma experiência inquietante e pode se tornar um fardo esmagador. No início do século XX, alguns operários das minas de carvão dos Estados Unidos recebiam um salário miserável. Todas as suas roupas e sua alimentação tinham de ser compradas em lojas mantidas pelos donos das companhias que os empregavam. Estas coisas eram compradas a um preço exorbitante, de modo que os operários infelizmente caíam em dívidas, que estavam constantemente aumentando. Juros proibitivos eram lançados sobre o dinheiro devido, de modo que os operários se atolavam em uma areia movediça de dívidas que estavam sempre crescendo, das quais eles nunca poderiam se livrar. Eles diziam: “Eu vendi minha alma para a companhia”. Nunca se livrariam daquela situação. Os credores os possuíam para sempre.

Seu pecado é semelhante a essa situação. Todo pecado que você tem cometido está sendo escrito no livro de Deus. Ali está o seu pecado, contra o seu nome. Nenhum deles é esquecido, ignorado, e todos exigem pagamento. Você não tem qualquer esperança de pagá-los, nem mesmo de começar a pagá-los. Você é empurrado para baixo pela montanha de sua dívida. O pecado é uma dívida que necessita ser cancelada.

O pecado também é uma sujeira que precisa ser lavada completamente. Davi escreveu: “*Lava-me com-*

*pletamente da minha iniquidade*". Existem duas palavras hebraicas que transmitem a idéia de lavar. Uma significa lavar superficialmente. Se uma pessoa tinha poeira ou uma sujeira simples em sua mão, ela a colocava na água corrente, por um momento, e a sujeira era removida por aquela lavagem. A outra palavra era utilizada para se referir a uma sujeira profunda e arraigada, que poderia ser removida somente por meio de grande esforço. Quando minha esposa e eu vivíamos na Grécia, costumávamos ver mulheres à beira do rio lavando roupas. As mulheres pegavam as roupas, colocavam-nas sobre uma rocha no rio e, depois, batiam nelas com outra pedra, para remover a sujeira. Esta foi a palavra que Davi utilizou neste salmo.

Quando Davi suplicou que seu pecado fosse lavado, ele não estava falando sobre a remoção de algo superficial. Todo o seu ser estava sujo, cheio do encardido que se havia grudado aos poros de seu ser. Davi era uma coisa impura. Uma mancha de imundície o cobria, arraigada aos poros de sua personalidade. Seria difícil removê-la. "Lava-me completamente" — ele suplicou. O pecado é uma sujeira que necessita ser lavada completamente.

Por fim, o pecado é uma doença que precisa ser curada. Davi orou: "*Purifica-me*". Esta palavra era utilizada no Antigo Testamento para referir-se à purificação de alguém suspeito de lepra. A lepra era a doença mais ameaçadora no mundo antigo, uma aflição terrível temida por todos. A lepra significava miséria, impureza, deterioração, isola-

mento e morte. Davi afirmou: "Isto é o que eu sou: um leproso horrível, enfermo e podre". Que autodescrição impressionante!

O que são os seus pecados, as suas transgressões — um monte de débitos registrados contra seu nome e dos quais o pagamento será exigido. Eles são a sujeira arraigada que contamina tudo que você é, bem como tudo que possui. Eles são uma doença horrível, repugnante.

Sei o que alguns de vocês podem estar pensando: "Esta é uma conversa tipicamente religiosa, ou seja, a linguagem exagerada que se espera ouvir de um púlpito ou de uma propaganda política. É semelhante a assistir a uma ópera. No palco, você vê e ouve a tragédia. Ela o comove, podendo fazê-lo chorar. Mas não é real. Depois, você sai do teatro para a vida real, com seus amigos e seus interesses, esquecendo-se da tristeza da ópera". Talvez, seja assim que você se sente a respeito do que está lendo agora. "Ora", você pode dizer, "isto é exagero religioso, que não deve ser levado à sério".

Deixe-me mostrar-lhe duas palavras que se encontram no início do salmo que estamos considerando. São elas: "Ó Deus..." Se você realmente meditar nelas, mudará o que estava pensando. Davi estava falando com Deus, face a face. Ele estava lidando diretamente com o Santo Senhor do céu. Apenas duas palavras. Davi estava ciente de seu pecado havia meses. Estava ciente do que havia feito. Ele nos diz no Salmo 32, por exemplo, que tinha sentido dores em sua consciência. Davi sentia-se como uma pessoa miserável e infeliz. So-

mente quando Deus lhe enviou um pregador, com uma mensagem de julgamento, Davi foi levado a compreender a completa seriedade da situação em que se encontrava.

Meu amigo, isso é o que eu desejo que você faça. Diga: “Ó Deus”. Esqueça o seu vizinho e a sua circunstância. Pense apenas em você mesmo e em Deus. Veja-se a si mesmo na presença dEle. Olhe para você mesmo com os olhos de Deus — o Deus que o criou e que, no mais íntimo de seu coração, você sabe que existe. Um dia você se encontrará face a face com este Deus, e Ele o julgará. Ele é puro, santo e justo. Deus se recorda de cada coisa que você já disse, pensou e fez. Ele as avalia de acordo com a sua santidade, pura e perfeita. Deus odeia o pecado com todo o seu Ser poderoso. Ele é fogo consumidor, que não inocentará o culpado.

Olhe para Ele novamente e diga: “Ó Deus”. Você tem fugido de Deus, e o mundo está fazendo o melhor que pode para mantê-lo distante dEle. Entretanto, você tem de colocar-se face a face com Ele agora, pois, do contrário, terá de fazê-Lo, quando morrer, mas será tarde demais.

Portanto, meu amigo, seja honesto! Encare estas verdades com seriedade! Você está face a face com o todo-poderoso Perscrutador dos corações. Sua rebelião, sua corrup-

ção, seu erro, sua dívida, sua imundície, sua lepra — você não sente as dores em sua alma, o impacto de tudo isso, a vergonha de saber que você é assim?

Mas, agradeça a Deus, essa não é a mensagem final de nosso salmo!

## **O PERDÃO DO PECADO**

Este devedor impuro e enfermo rasteja na presença do Santo Senhor — este rebelde, este hipócrita, este patético fracasso que nunca, em sua vida, atingiu os padrões de Deus. Este devedor se ajoelha diante daquele radiante e todo-poderoso Espírito, que é perfeito e pureza infinita, e fala com Deus. Que palavras você acha que se encontram em seus lábios?

O devedor não suplica por justiça. Não é isto mesmo que muitas pessoas parecem desejar? Elas estão constantemente se queixando da aparente injustiça de Deus. Perguntam a si mesmas e argumentam: “Por que

Deus permite guerras, doenças e tristezas no mundo? Não posso entender como Ele pode ser tão injusto”. Mas Davi, em seu pecado, não estava procurando por justiça.

“Compadece-te de mim, ó Deus” — ele orou.

“Compadece-te; compadece-te”. Isso é tudo que alguém pode suplicar a Deus. Não importa o quanto vivemos, o quanto progredimos mesmo como crentes, não podemos ir

---

*Davi foi um homem que começou pedindo perdão por aquilo que ele era em seu pior estado, mas, antes de terminar, pediu perdão por aquilo que ele era no seu melhor estado.*

---

além desta palavra: “Compadece-te!”

Podemos imaginar Deus se achegando a Davi e respondendo: “Davi, por que eu devo manifestar-lhe compaixão? Você é um transgressor. Está cheio de iniquidade; é um pecador. Você condenou a si mesmo, com seus próprios lábios. Dê-me apenas uma razão para que Eu, o Deus santo, deva mostrar compaixão para uma pessoa como a que você mesmo reconhece ser. Você tem alguma razão, Davi?” E Davi abre seus lábios, com seu rosto manchado de lágrimas e uma voz trêmula, respondendo: “Sim, Senhor, eu tenho uma razão. Tenho uma razão poderosa e persuasiva. Esta razão, ó Deus, não se fundamenta naquilo que eu sou, e sim naquilo que Tu és. É uma razão que o Senhor tem de ouvir e não pode recusar, nem recusará”.

Deste modo, Davi se apropria, pela fé, de uma das mais gloriosas expressões do Antigo Testamento: “Compadece-te de mim, ó Deus”; e seu argumento é este: “Segundo a tua benignidade”. Davi arrisca o seu tudo nesta expressão, a grande expressão da aliança do Antigo Testamento. Ela significa o imutável amor de Deus, sua fidelidade às suas promessas. Esta expressão nos diz que Deus é leal ao seu povo. Deus prometeu que perdoaria, então, Ele perdoará. Deus prometeu que purificaria, então, Ele purificará. Deus prometeu que salvará, então, Ele salvará.

Mas Davi não parou nisso, porque o imutável amor de Deus está vinculado à “multidão das suas misericórdias”. Na realidade, Davi estava dizendo: “Senhor, sinto-me

encorajado a rogar por compaixão, porque Tu mesmo me tens dito que és rico em misericórdia. A tua compaixão não se escoia em pequenas gotas; ela é um oceano. Rios, torrentes e fontes inesgotáveis de compaixão fluem de Ti. Quando contemplo minha vileza e corrupção, compreendo que mereço o inferno e a condenação. Apesar disso, eu Te suplico compaixão, por causa do que Tu és e do que tens prometido. Embora eu seja pecador, ousou suplicar por compaixão”.

Você está convencido de seu pecado diante de Deus? Certamente, você tem de estar. Você tem de fazer como Davi. Assim como Davi o fez, levante os seus olhos para Deus, confesse seus pecados, apresente-Lhe uma razão para que Ele o perdoe. Deve ser a mesma razão, mas com uma diferença: essa razão agora tem um nome e uma personalidade, pois a benignidade de Deus veio à terra e a amável compaixão de Deus nasceu neste mundo. A fidelidade de Deus para com a aliança tornou-se carne, incorporou-se em Jesus de Nazaré. Ele é a benignidade e a amável compaixão de Deus. Ele viveu uma vida de obediência humana perfeita, que recebeu a aprovação de Deus. Jesus sofreu e morreu na cruz do Calvário, a fim de pagar o preço dos pecados de todo o seu povo. Jesus ressuscitou dos mortos, no terceiro dia, para mostrar que o Pai aceitou o que Ele havia feito. Assim, em nossos dias, quando alguém suplica: “Compadece-Te de mim, ó Deus”, pode amparar a sua súplica, dizendo: “Compadece-Te de mim, *por amor a Jesus*”.

Você entende a maravilha do que estamos dizendo? Um dos mais desprezíveis criticismos lançados contra o evangelho é proferido por aqueles que criam um conflito entre um Deus de amor e um Deus de ira e julgamento. Você já ouviu tais indivíduos: “Pecado, inferno, condenação! Eu não acredito em um Deus como esse. Eu creio em um Deus de amor”. Mas eles estão completamente errados. O deus deles é um ser moralmente deficiente e apático. É um deus que vê o mal e não se importa. É um deus que contempla aqueles que abusam de criancinhas e se recusa a considerar este ato com seriedade. É um deus que ouve o soluço de um mundo abatido, atormentado e sorri com tola indiferença. É um deus que vê a impiedade envenenando a terra e não se importa em levantar um dedo para socorrer. Esse é o deus de amor deles. Mas isto não é amor; é uma imbecilidade ética.

O que é amor? Amor é o Deus perfeita e infinitamente santo, que, com todo o seu ser, odeia o pecado. Aos seus olhos, não existe nada mais repugnante do que o pecado. Deus tem olhos tão puros, que não podem ver o pecado. Deus o detesta; é uma abominação para Ele. Deus está comprometido em castigar o pecado. Ele olha para os pecadores em toda a sua repugnância, rebelião, inimizade e ódio. E o que faz este Deus santo, justo? Ele ama estes pecadores e escolhe, dentre eles, uma grande multidão para serem dEle mesmo. Deus toma o seu único Filho, o leite de seu coração, que tem estado com Ele por toda a eternidade, e O envia à humilhação de uma vida na

terra e ao horror de uma morte cruel.

Da cruz, nas trevas, o Filho de Deus clama ao seu Pai: “Por que me desamparaste?” Muitos de nós temos filhos. Suponha que um deles acorde, em uma noite escura, temeroso e clamando: “Papai, onde você está?”; e você caminhe na ponta dos pés até ao quarto dele. Enquanto seu filho está deitado na cama, clamando, você toma uma vara e, silenciosamente, o surra, por diversas vezes, no escuro; depois, sai e o deixa ali. Isso foi o que Deus fez. Ele não poupou seu próprio Filho.

Não fale sobre um Deus de amor que não trata o pecado com seriedade. Pois “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). O amor não consiste em ignorar o pecado ou deixá-lo de lado. O amor se manifesta em Deus enviar seu Filho para ser o pagamento de nosso pecado. “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3.16). Você pode entender o amor de Deus somente quando entende o pecado. Aquele que foi pouco perdoado ama pouco; aquele que foi muito perdoado ama muito.

Por que estou enfatizando o pecado? Para que você ame a Jesus com todo o seu coração e toda a sua alma. Para que você adore, louve, seja grato a Jesus, por toda a eternidade, para sempre e sempre! Você, pecador, rebelde, não-convertido, hipócrita, compreende que necessita de compaixão? Com certeza, necessita. Você quer compaixão? Eu lhe ofereço compaixão — em Jesus. *Você*

tem de encarar seus pecados; tem de clamar. Ninguém pode fazer isso por você. Um pastor não pode fazê-lo por você, nem um sacerdote, nem um rabino. A compaixão não vem por sacramentos e rituais. Tampouco vem por meio de comparecer às reuniões de uma igreja.

Você tem de dizer para si mesmo: “Minhas transgressões, minha iniquidade, meu pecado”. Você tem de declarar: “Sou um homem imundo, enfermo, culpado, devedor e desamparado.

Não tenho desculpas a apresentar. Não existe nada que eu possa fazer”. Então, entregue-se comple-

tamente ao Senhor Jesus Cristo. Invoque-O. Receba-O, descanse nEle para a sua salvação. Contemple-O pendurado na cruz em seu lugar, de modo que, pela fé, você possa dizer: “Ele foi traspasado por minhas transgressões. Eu tenho iniquidade, mas Ele foi moído em favor das minhas iniquidades” (cf. Is 53.5). Meu querido amigo, coloque toda a sua fé e toda a sua esperança em Jesus Cristo. Descanse e confie nEle.

Deus é maravilhoso! Ele dará a você, se crer em Jesus, a justiça dEle. Não é uma justiça humana, nem de um santo eminente, nem da melhor pessoa que já viveu neste mundo; é a justiça criada no céu — infinita, eterna e imutável. É a própria justiça de Deus! Isso é o que o apóstolo disse: “*Não me envergonho do evangelho... visto que a justiça de Deus se*

*revela no evangelho*” (Rm 1.16,17). A justiça de Deus — Ele a lançará em seu crédito, para que, ao olhos dEle, você seja justo como Ele é! Deus haverá de considerá-lo tão justo quanto o próprio Senhor Jesus. Nenhuma imperfeição, nenhuma mácula, nem mesmo qualquer traço de pecado, mas perfeito. Quando Deus olha para alguém que está em Cristo, o que Ele diz? “Meu queri-

do, meu amado, meu deleite de coração, meu filho, minha filha, em quem Eu me com-prazo.”

Jesus se oferece a você agora como Salvador. Jesus lhe ordena que venha a Ele.

Mas será que você está se posicionando contra Deus? Está dizendo para si mesmo: “Eu não vou. Eu não vou”? Deus tenha misericórdia de você. Esta noite, sem dúvida, você se deitará em sua cama, apagará a luz e ficará no escuro. Porém, eu lhe digo, quando a sua cabeça estiver sobre o travesseiro, lembre-se de que a escuridão em que você está descansando é tranqüila e feliz, se comparada com as trevas do inferno nas quais você estará para sempre, onde o tormento reina e onde existem o choro, a lamentação e o ranger de dentes.

Não rejeite Jesus Cristo! Quão bom é Deus para nós! Por que Ele viria a você e lhe ofereceria seu próprio Filho? Quão amável Ele tem sido para você! Quão gracioso! Existem milhões de pessoas no mundo

— ■ —

*Deus não quer apenas  
que estejamos cientes de  
nosso pecado, mas tam-  
bém que conheçamos a  
sua tolice e a sua vileza.*

— ■ —

que nunca ouviram ou leram a respeito de Jesus; no entanto, Deus está oferecendo seu Filho a você! Você continua dizendo: “Eu não vou!” Se continua, diga para si mesmo neste momento: “O que está errado comigo? Com que laço o diabo envolveu minha mente e meu coração, de modo que, ouvindo e lendo sobre a pessoa de Jesus, não quero ir a Ele? Senhor, quebra este laço! Muda-me! Salva-me!”

Talvez, pela misericórdia de Deus, você queira vir a Cristo. Deus tem falado com você. A Palavra dEle tem falado ao seu coração. Em seu íntimo, você sabe que o evangelho é verdadeiro e que existe apenas um Salvador. Você sabe que precisa desse Salvador. Sente-se convicto e arrependido, contemplando em Jesus a misericórdia de Deus. Então, eu lhe digo: “Venha a Jesus; venha agora mesmo. Venha a Ele com seu próprio coração. Invoque-O, suplicando que o salve. Clame por Jesus, meu amigo, e Ele o receberá”. Não existe qualquer possibilidade de que o

Senhor Jesus o lançará fora. Ele mesmo afirmou: “O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37).

Não importa o que você fez no passado. Não importa quão ímpio ou quão culpado você é, nem quantas promessas você deixou de cumprir, nem quão freqüentemente você tentou fazer o melhor de si mesmo, mas falhou. Você pode estar pensando: “Não posso ir a Cristo; Ele me verá como um mentiroso”. Não, não! Se você está sendo sincero, verdadeiramente sincero, venha a Cristo e torne sua a oração de Davi, reconhecendo que a salvação de Deus é para você. Faça aquela oração tendo apenas um nome em seu coração — a única esperança de um pecador, o único nome que Deus, o Pai, sempre ouvirá e nunca recusará: “Compadece-te de mim, ó Deus. Apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado, por amor a Jesus. Amém”.



*Avivamento é a intervenção divina no curso normal da vida espiritual. É Deus revelando-se ao homem em grande santidade e irresistível poder.*

*Arthur Wallis*

# A ETERNA REDENÇÃO

*Daniel E. Parks*

*Cristo como sumo sacerdote... entrou no Santo nos Santos...,  
tendo obtido eterna redenção.*

Hebreus 9.11,12

Em Hebreus 9.12, lemos que Cristo Jesus obteve “eterna redenção”.

## **I. O QUE SIGNIFICA ESTA “ETERNA REDENÇÃO”?**

A palavra grega se deriva do verbo que significa “libertar ante o recebimento de um resgate”. O redentor é Jesus Cristo, o parente redimidor dos eleitos de Deus — “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo” (Lc 1.68). O preço que Jesus pagou em favor da redenção de seu povo foi o seu próprio sangue, derramado em sua morte, no lugar dos eleitos — “o Filho do Homem... veio para... dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). E o Redentor é também, Ele mesmo, a redenção — “Cristo Jesus, o qual se nos tornou... redenção” (1 Co 1.30). Cristo redi-

miu seu povo do pecado e de tudo o que a ele se associa.

1. *Cristo redimiu de todo pecado* — original ou atual, público ou secreto, de comissão ou omissão, de pensamentos, palavras ou ações. “Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados” (Rm 11.26,27; Is 59.20,21). “É ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades” (Sl 130.8). Cristo “a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14).

2. *Cristo nos redimiu da culpa do pecado* — o pecado visto com base na justiça de Deus. “O SENHOR resgata a alma dos seus servos, e dos

que nele confiam nenhum será condenado” (Sl 34.22). “No qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça” (Ef 1.7; Cl 1.14); “Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3.24). (Redenção é um termo legal e, por isso, está mais relacionado à nossa culpa do que à nossa corrupção.)

3. *Cristo nos redimiu do poder do pecado* — o domínio do pecado sobre os pecadores. “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.14-15).

4. *Cristo nos redimiu da punição do pecado* — a penalidade de morte merecida pelo pecado, devido à transgressão da lei de Deus. Cristo profetizou a respeito dos eleitos de Deus: “Eu os remirei do poder do inferno e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua destruição?” (Os 13.14; cf. 1 Co 15.54, ss.) Portanto, “vindo... a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4.4,5). “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar” (Gl 3.13). Por conse-

guinte, Cristo é o único que “da cova [destruição] redime a tua vida” (Sl 103.4).

5. *Cristo nos redimiu da presença do pecado* — um benefício a ser outorgado por Ele em sua vinda. O Espírito Santo é “o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade” (Ef 1.14). “Também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23). “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30). “Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima” (Lc 21.27-28).

## II. COMO FOI OBTIDA ESTA REDENÇÃO? ESTA PERGUNTA É RESPONDIDA EM GRANDES DETALHES NO CAPÍTULO NOVE DE HEBREUS.

1. *Cristo obteve redenção à maneira tipificada no Antigo Testamento*. Arão, o sumo sacerdote de Israel, era um tipo de “Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados”, em favor dos eleitos de Deus (v. 11). O ministério de Arão em santuário terreno e temporário, feito pelos homens, tipificava o ministério de Cristo em um “maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação” (v. 11). A entrada de Arão no Santos dos Santos tipificava a entrada de Cristo no “céu, para comparecer, agora, por

nós, diante de Deus” (v. 24). Arão, buscando a redenção com o sangue de touros e de bodes em uma bacia, tipificava Cristo, obtendo a redenção com o seu “próprio sangue” (v. 12) — o sangue do Cordeiro de Deus que corria em suas veias. Arão tinha de entrar duas vezes no Santo dos Santos — uma vez para oferecer sangue pelos seus próprios pecados; depois, em favor dos pecados do povo. Ele tinha de fazer isso a cada ano. Cristo, porém, entrou no mais santíssimo de todos os lugares “uma vez por todas” (v. 12) — “uma vez”, porque Ele mesmo não tinha pecado; “por todas”, porque não precisaria entrar ali novamente. Arão ministrava em favor da purificação da carne; “muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (v. 14.). Por intermédio da misericórdia, Arão recebia o perdão anual. Cristo, o Sumo Sacerdote, “eterna redenção”.

2. *Cristo obteve eterna redenção para aqueles aos quais ela estava prometida, mas ainda não outorgada nos dias do Antigo Testamento* (v. 15). “Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados” (v. 15). Por essa razão, Jacó profetizou a respeito de Cristo como o “Anjo que me tem livrado de todo mal” (Gn 48.16). E Jó pôde exclamar: “Porque eu sei que o meu

Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra” (Jó 19.25).

### III. POR QUE ESTA REDENÇÃO É “ETERNA”?

1. *Ela foi planejada na eternidade.*

a. *O Redentor foi predestinado* (1 Pe 1.18-21): “Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus”.

b. *Os redimidos foram predestinados.* Todos os que foram redimidos por Cristo e que, por conseguinte, crerão em Deus, por meio de Cristo, são identificados como pessoas “cujos nomes... foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8; 17.8).

2. *Ela é eficaz por toda a eternidade.*

a. *Nenhum daqueles em favor dos quais Cristo derramou seu sangue, para redimi-lo, será considerado por Deus como não-redimido.* Cristo ofereceu-se a Si mesmo “pelo Espírito eterno” — quer seja o seu próprio espírito divino, quer seja a terceira Pessoa da bendita Trindade — para

que eles “recebam a promessa da eterna herança” (v. 15). Ele prometeu a cada um dos redimidos: “De modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida” (Ap 3.5). Portanto, o céu será a habitação de todos “os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro”, desde a eternidade (Ap 21.27). E todos eles, predestinados a serem redimidos, cantarão a Cristo, na glória: “Digno és... porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9; cf. 14.3,4).

Esta verdade expõe a falsa doutrina chamada de “expição geral ou ilimitada”. De acordo com este engano, Cristo pagou a preço de redenção por todos os membros da raça humana, sem exceção, e não apenas “por muitos”, conforme Ele mesmo declarou (Mt 20.28). No entanto, eles dizem que a obra de expição realizada por Cristo não é eficaz até que o pecador a torne eficaz, por crer em Jesus. Dizem também o seguinte: visto que alguns, ou talvez muitos, em favor dos quais o Senhor Jesus morreu nunca crerão nEle, eles morrerão em seus pecados e perecerão, não-redimidos. Além disso, muitos que expõem este erro também negam a eficácia eterna de sua própria redenção. Eles afirmam que alguém, havendo tornado, por meio da fé, a sua redenção

eficaz, pode cair em pecado, perder a sua salvação e morrer, conseqüentemente, não-redimido.

b. *Nunca será necessário repetir este sacrifício redentor* (vv. 12, 26-28) — “Pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção... agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado... Cristo, tendo-se oferecido um vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação”.

Afirmar que este sacrifício redentor, realizado “uma vez por todas”, tem de ser repetido significa estar crucificando de novo “para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia” (Hb 6.6). Todavia, isto é feito por aqueles que observam o que chamam de Sacrifício da Missa, que definem como “o verdadeiro sacrifício do corpo e do sangue de Cristo presentes no altar, por meio das palavras de consagração; uma representação e renovação da oferta realizada no Calvário” (Dicionário Católico, estampado com o imprimátur de um vigário-geral).

Por meio da fé em Cristo, você já recebeu a segurança de que Cristo obteve “eterna redenção” para você?



*A vivamento é uma mudança na aparência de piedade para uma vida de poder.*

**John Bonar**

# JESUS, OS FARISEUS E O LIVRE-ARBÍTRIO

*John Piper*

Para muitos, hoje em dia, é intrigante que Jesus coloque tal valor nos direitos soberanos da liberdade eletiva de Deus, a ponto de falar da maneira como o faz àqueles que O rejeitam. Ele fala de maneira a impedi-los de vangloriarem-se, como se pudessem anular os propósitos últimos de Deus. Em João 10.25-26, por exemplo, Jesus respondeu aos céticos que exigiam mais e mais provas: “Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai testificam a meu respeito. Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas”. Pense nisto por um momento. Pense acerca do que significa e no fato que Jesus proferiu tais palavras a pessoas incrédulas.

Imagine-se como um fariseu ouvindo a mensagem de Jesus e dizendo a si mesmo: se Ele pensa que eu vou ser sugado para dentro desse movimento junto com coletores de impostos e pecadores, está louco. Eu tenho vontade própria e poder para determinar o meu próprio destino. Em seguida, imagine Jesus, sabendo o que se passa no seu coração e dizendo: “Você se vangloria em seu íntimo porque acha que tem o controle de sua própria vida. Você pensa que pode frustrar os planos máximos de meu ministério. Você imagina que os grandes propósitos de Deus na salvação são dependentes de sua vontade vacilante. Em verdade, em verdade eu lhe digo que a razão final pela qual você não crê é porque o Pai não o escolheu para estar entre as minhas ovelhas”. Em outras palavras, Jesus está dizendo: “O orgulho final da incredulidade é destruído pela doutrina da eleição”. Aqueles a quem Deus escolheu, Ele também os deu ao Filho; e aqueles a quem Ele deu ao Filho, o Filho também os chamou; e para aqueles que foram chamados, Ele deu sua vida; e para esses Ele deu alegria eterna na presença de sua glória. Este é o prazer do Pai.

*The Pleasures of God* (Os Prazeres de Deus)  
(Portland, Multnomah, 1991), p. 137-139

# O BOM COMBATE

*J. Greham Machen*

O apóstolo Paulo foi um grande soldado. Sua luta foi, em parte, contra inimigos externos — contra dificuldades de todas as espécies. Por cinco vezes, foi açoitado pelos judeus; e três vezes, pelos romanos, Naufragou quatro vezes; esteve em perigos de água, em perigos de salteadores, em perigos por parte de seus compatriotas, em perigo na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos. E, finalmente, chegou ao término lógico de uma vida de combatentes, morrendo ao fio da espada. Dificilmente, diríamos que essa foi uma vida pacífica; pelo contrário, foi uma vida de aventuras ferozes.

Suponho que Lindbergh se emocionou muito quando atravessou sensacionalmente o oceano, de avião, e aterrissou em Paris. Em nossos dias, as pessoas vivem à procura de emoções fortes; mas, se alguém deseja encontrar uma sucessão realmente ininterrupta de emoções, penso que não poderia fazer nada melhor do que vaguear pelo impé-

rio romano do século I, em companhia do apóstolo Paulo, que se ocupava do negócio impopular de transtornar o mundo.

No entanto, os transtornos físicos não eram a principal batalha do apóstolo Paulo. Muito mais árdua era a sua luta contra os inimigos de seu próprio campo. Sua retaguarda vivia ameaçada pelo paganismo que a tudo envolvia ou pelo judaísmo pervertido que nunca compreendeu o verdadeiro propósito da lei do Antigo Testamento. Leia-se as suas epístolas com cuidado e ver-se-á Paulo em conflito constante. Em certa ocasião, ei-lo a lutar contra o paganismo na vida do indivíduo que nutre a idéia errônea de que todas as condutas são legítimas para o crente, atitude essa que faz da liberdade cristã um motivo para a licenciosidade pagã. Noutra ocasião, ei-lo a lutar contra os conceitos pagãos — ou seja, contra o aprimoramento da sublimação da doutrina cristã da ressurreição do corpo na doutrina pagã da imortalidade da alma.

Os instrumentos humanos que Deus emprega nos grandes triunfos da fé não são pacifistas, e sim, grandes soldados semelhantes a Paulo. O grande batalhão dos consideradores de conseqüências tem pouquíssima afinidade com o nobre apóstolo — ou seja, todos os transigentes, antigos ou modernos. Os companheiros autênticos de Paulo são os grandes heróis da fé. Mas, quem são esses heróis? Não são todos eles verdadeiros lutadores? Tertuliano se lançou em batalha titânica contra Márciom; Atanásio combateu Pelágio; e Lutero pelejou corajosamente contra reis, príncipes e papas, na defesa da liberdade do povo de Deus. Lutero foi um bravo combatente; e o amamos por esse motivo. Assim também foi Calvino, bem como João Knox e muitos outros da mesma estirpe. É impossível a alguém ser um verdadeiro soldado de Jesus Cristo e não ser um combatente.

Todavia, nesse conflito, não penso que podemos ser bons soldados apenas por estarmos resolvidos a lutar. Pois esta é uma batalha de amor; e nada prejudica tanto o serviço prestado pelo crente como o espírito de ódio.

Não! Se quisermos aprender o segredo desta guerra, teremos de olhar com maior penetração; e não podemos fazer nada melhor do que contemplar aquele grande lutador, o apóstolo Paulo. Qual era o segredo de seu poder neste conflito gigantesco? Como ele aprendeu a lutar?

A resposta é um paradoxo, mas é muito simples. Paulo era um lutador notável porque se sentia em paz. Aquele que recomendou: “Combate

o bom combate” também falou sobre a “paz de Deus que excede todo o entendimento”. É justamente nesta paz que encontramos o vigor de sua guerra. Paulo lutava contra os inimigos externos, porque usufruía de paz no íntimo; havia um santuário interno em sua vida, inatingível por qualquer adversário. Essa, meus amigos, é a verdade central. Ninguém pode lutar com sucesso contra as feras, a exemplo de Paulo em Éfeso; ninguém pode combater com sucesso contra indivíduos perversos ou contra o diabo e seus poderes espirituais da maldade nos lugares celestiais, a menos que, enquanto combate tais inimigos, esteja em paz com Cristo.

Mas, se alguém está em paz com Cristo, pouco lhe importa o que os homens possam fazer. E pode afirmar juntamente com os apóstolos: “Antes importa obedecer a Deus que aos homens”. E dizer, em companhia de Lutero: “Aqui estou. Não posso agir doutro modo. Deus me ajude. Amém”; ou declarar como Eliseu: “Mais são os que estão conosco do que os que estão com eles”. Ou, ainda, dizer juntamente com Paulo: “Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará?” Sem a presença da paz de Deus em seus corações, vocês infundirão pouco terror entre as hostes dos inimigos do evangelho de Cristo. Não há outra maneira para o crente ser realmente um bom combatente. Ninguém pode lutar na batalha de Deus contra os seus inimigos, a menos que esteja em paz com Ele.

Muito mais fácil é obter o favor

do mundo, por abusar daqueles de quem o mundo abusa, e falar contra a controvérsia em uma atitude de espectador, contemplando de longe a luta em que estão engajados os servos do Senhor.

Que Deus nos livre de uma neutralidade como essa! Tem certa aparência mundana de urbanidade e caridade. Mas quanta crueldade isso demonstra para com as almas sobrecarregadas; quanta ruindade para os pequeninos que esperam da Igreja uma mensagem viva de Deus! Deus os livre, portanto, de serem tão cruéis, tão destituídos de amor e tão frios! Antes, que Deus lhes conceda que, com toda a ousadia, e dependendo sempre dEle, possam combater o bom combate da fé. Na verdade, vocês já possuem aquela paz de Deus que ultrapassa todo o enten-

dimento. Mas essa paz não lhes foi outorgada para que vocês sejam pacíficos espectadores neutros, nesta grande batalha, e sim para que sejam combativos soldados de Jesus Cristo.

---

*J. Grahm Machen (1881-1937) por muitos anos foi professor no Seminário de Princeton e forte eclesiástico da Igreja Presbiteriana Unida. Após longa e árdua luta contra a transigência teológica que ameaçava a ortodoxia do seminário, resignou sua posição e fundou o Seminário de Westminster. Após ser excluído da igreja, serviu de instrumento para o estabelecimento da Igreja Presbiteriana Ortodoxa.*

Quem foram esses missionários que tanta coisa sacrificaram, a fim de levar o evangelho até aos confins da terra? Seriam gigantes espirituais que superaram gloriosamente os obstáculos confrontados? Não. Eram pessoas comuns, perseguidas pelas debilidades e falhas humanas. Nada de “supersantos”. À semelhança do elenco de personagens bíblicos pitorescos que surgem a partir de Gênesis e continuam através do Novo Testamento, eles eram quase sempre marcados por falhas de personalidade e extravagâncias. Estavam, porém, dispostos a ser usados por Deus, apesar de suas fraquezas humanas, e foi nesse sentido que puderam deixar uma impressão indelével sobre o mundo.

(Ruth A. Tucker, extraído de  
*História Biográfica das Missões Cristãs*)

# MEU ENCONTRO COM DEUS

*C. Everret Koop*

*Famoso cirurgião, pioneiro no tratamento infantil, que tornou-se Cirurgião Geral do Governo dos Estados Unidos.*

As mudanças em minha vida profissional, embora grandes, não tiveram conseqüências tão amplas quanto a mudança ocorrida em minhas crenças, as quais aconteceram ao mesmo tempo. Eu fora criado em uma família que ia à igreja e sempre pensei que era um cristão. Meus pais se conheceram na igreja, e a vida social da família se centralizava nas atividades da igreja. Eu havia sido membro da Escola Dominical desde a infância; havia participado do Grupo Missionário e, em cada mês de maio, havia marchado na parada anual de aniversário da União de Escola Dominical, no Brooklin. Mas não tinha qualquer indício a respeito de quem eu realmente era em minha vida espiritual, qual era a verdadeira condição de minha alma e para onde estava indo.

Quando nossa família se mudou para Flatbush e se reuniu na Igreja Batista do Redentor, eu não sabia a que Redentor se referia, e nem mesmo tive a idéia de procurar descobrir. Eu devo ter sentido algum ane-

lo espiritual, porque no verão de 1948, durante uma visita aos meus pais, na ilha de Vinalhaven, no Estado de Maine, sentei-me sobre as rochas da praia, e li o Novo Testamento duas vezes. Entretanto, nenhuma luz nova resplandeceu. Mas, naquele ano, compreendi gradualmente o que significa ser um cristão. Sendo uma pessoa cujo treinamento e experiência colocavam sua fé totalmente na ciência, cheguei a perceber uma verdade mais elevada. A partir daqueles dias, vi uma coexistência entre a ciência e Deus.

Foi Erna Goulding, uma amiga preciosa e enfermeira no Hospital Infantil, quem sentiu que eu estava à procura de um significado espiritual. Uma noite, quando Betty e eu saíamos do nosso apartamento para assistir a um programa musical que atraía muitos à Primeira Igreja Batista, no centro da cidade de Filadélfia, Erna sugeriu que caminhássemos uma quadra mais, além da Igreja Batista, e fôssemos ao culto da Décima Igreja Presbiteriana. Ela ima-

ginou que apreciaríamos a pregação intelectual do cristianismo ministrada por Donald Grey Barnhouse. Mas não aceitamos sua sugestão.

Entretanto, no domingo seguinte, concluí cedo algumas rotinas importantes e logo me vi caminhando em direção à Décima Igreja Presbiteriana, que ficava alguns quarteirões ao norte do hospital. Entrei pela porta de trás e subi, com calma e rapidez, à galeria. Iria apenas observar. Gostei do que vi e fiquei fascinado pelo que ouvi. Vi a congregação dar resposta espontânea e generosa às necessidades sociais; não era um cristianismo vazio.

Ouvi os ensinamentos de um dos homens mais instruídos que já havia conhecido, um verdadeiro erudito que também possuía o dom de ilustrar a complexidade — e a simplicidade — das doutrinas cristãs por meio de histórias e símiles notáveis e incisivos. Estava bastante interessado; por isso, retornei no domingo seguinte, pela manhã. E, algumas horas mais tarde, voltei para o culto da noite. Fiz isso todos os domingos, por dois anos seguidos; exceto quando eu não estava na cidade, não perdia um culto da manhã ou da noite. Por ser muito ocupado, o único cirurgião-pediatra na costa leste, ao sul de Boston, passar dois anos sem um caso de emergência que me prenderia no domingo, pela manhã ou à noite, pareceu-me quase um milagre.

Depois de aproximadamente sete meses, compreendi que me tornara um participante e não apenas um observador. O que era bom para aquela igreja também era bom para mim. Tudo era novo para mim. Eu não es-

tava apenas mudando da fé exercida por meus pais para a minha própria fé.

Foi somente depois de me assentar na galeria daquela igreja da Filadélfia que compreendi a verdade elementar do evangelho de Cristo: todos somos pecadores, incapazes de satisfazer o padrão de justiça e santidade de Deus, ainda que nos esforcemos arduamente. Aprendi que o “pecado” não significa apenas as grandes coisas más que fazemos, nem mesmo aquelas pequenas coisas que fazemos, e sim todas as nossas realizações que ficam aquém do padrão de Deus. Aprendi que o vocábulo traduzido por “pecado”, nas Escrituras, também era utilizado na arte de atirar flechas e significava “errar o alvo”. Todos nós, não importa o quanto nos esforcemos, erramos o alvo de Deus quanto à sua justiça e santidade. Assim como muitos outros que confessam ser cristãos, eu imaginava que estava tentando viver tão corretamente quanto podia, mas, assim como eles, eu sabia, no fundo de meu coração, que minha natureza, tal como a deles, era pecaminosa e que os esforços para reformar a mim mesmo seriam completamente inúteis. Eu sabia que, querendo ou não, todos somos imortais e temos de passar a eternidade em algum lugar, quando esta vida acabar.

Durante aqueles vários meses, assentando-me na galeria da Igreja Presbiteriana, a pregação vinda do púlpito esclareceu para mim: a essência do cristianismo não é o que nós fazemos, e sim o que Cristo fez por nós. Entendi o significado da crucificação, do sacrifício de Cristo

e do perdão divino. Compreendi que ou meus pecados estavam sobre mim, ou estavam sobre o Senhor Jesus. Entendi como a expiação realizada por Cristo era necessária para nos reconciliar com Deus.

Acima de tudo, eu compreendi o amor de Deus. Assim como muitos crentes novos — e crentes velhos — considerei João 3.16 o versículo mais significativo da Bíblia: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Eu me tornara um crente.

Betty, minha esposa, também se tornou crente. Com o nascimento de nosso filho, David, ela estava bastante ocupada com três filhos, mesmo assim conversávamos a respeito de nossa fé recém-encontrada, quando eu voltava da igreja para casa; entusiasticamente eu compartilhava o que havia aprendido. Crescemos juntos como crentes. Foi um dos tempos mais estimulantes de nossa vida, com muitas perguntas a serem respondidas. Muitas dessas perguntas já foram respondidas, mas ainda nos sentimos estimulados.

Por meio deste começo, reconheci a Jesus Cristo em minha vida e descansei minha fé na soberania de Deus. Compreendi que minha vida não era uma série de dilemas seguidos por coincidências felizes. Sabia que havia um plano para a minha vida; isto me trouxe uma segurança que eu nunca havia experimentado.

Não importa o que mais eu realizaria em minha vida, eu seria um cristão. Logo descobri que pessoas não ficaram contentes quando lhes

disse que eu era um cristão. Elas queriam saber que tipo de cristão, que qualificação, que igreja. Depois que me tornei Cirurgião Geral dos Estados Unidos, a imprensa se referia a mim como um cristão “fundamentalista”. Em um sentido, isso estava correto, porque afirmo as doutrinas fundamentais do cristianismo. Todavia, a palavra “fundamentalista” possui uma conotação negativa; os fundamentalistas são mais conhecidos por aquilo ao que eles se opõem do que por aquilo que eles defendem. Esse rótulo nunca se encaixou em mim.

Sempre me chamei de “cristão evangélico”. A palavra “evangelista” significa “mensageiro”, portador de notícias. O cristão evangélico leva aos outros as boas-novas da misericórdia de Cristo. Durante a minha vida, tenho sido um mensageiro, um portador de notícias. Como um cirurgião comum, trouxe boas e más notícias aos meus pacientes. No cargo de Cirurgião Geral, trazia boas notícias, em alguns dias, e, com certeza, minhas advertências, em outros dias. Entretanto, as melhores notícias que já transmiti a qualquer pessoa foram as boas-novas a respeito do amor de Deus por nós, em Cristo Jesus.

O despertar espiritual teve um profundo efeito em minha vida e influenciou tudo o que aconteceu posteriormente. Como um evangélico, procurei avaliar tudo à luz das Escrituras e encontrei na Bíblia meu guia de fé e de conduta, sempre temperadas com a graça e o perdão de Deus.

# O CLAMOR DO AMOR

TRECHO DE UM SERMÃO PREGADO POR

*R. M. McCheyne*

*A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens...*

Provérbios 8.4

Pensa-se freqüentemente que a pregação da santa Lei é a verdade das Escrituras que mais desperta os homens. E creio realmente que esta verdade é o meio que Deus mais utiliza para despertá-los. Todavia, parece-me que existe outra verdade mais despertadora: o divino Salvador oferecendo-se a Si mesmo a cada membro da raça humana. Neste clamor, existe algo que pode atingir o coração de pedra do homem — “A vós outros, ó homens, clamo; e a minha voz se dirige aos filhos dos homens” (Pv 8.4).

Com freqüência, pessoas despertadas se assentam e ouvem uma descrição viva de Cristo, de sua obra substitutiva pelos pecadores; mas a pergunta deles é: “Seria Cristo o Salvador para mim?” Ora, a esta pergunta, respondo: “Cristo está sendo oferecido gratuitamente a toda raça humana. “A vós outros, homens, clamo.” Não existe assunto mais incompreendido pelos não-convertidos do que a gratuidade incondicional de Cristo. Naturalmente compreende-

mos tão pouco a graça, que somos incapazes de crer que Deus pode nos oferecer um Salvador, enquanto estamos em nossa condição depravada, merecedora do inferno. Oh! É triste pensar como os homens argumentam contra a sua própria felicidade e não crêem na própria Palavra de Deus!

“Se soubesse que sou um dos eleitos, eu viria; mas temo não ser.” Há alguém assim? Eu respondo: ninguém jamais veio a Cristo por saber que era eleito. É verdade que Deus, no seu beneplácito, elegeu alguns para a vida eterna, mas estes não o sabiam até virem a Cristo. Em nenhum lugar das Escrituras, Cristo convida somente os eleitos a virem a Ele. A pergunta para você não é: “Sou eu um dos eleitos?”, e sim “Faço parte da raça humana?”

“Se eu pudesse me arrepender e crer, Cristo seria livremente oferecido a mim, mas não consigo me arrepender e crer”. Eu digo: “Antes mesmo de você se arrepender e crer, você não é um homem a quem a voz

de Deus se dirige?” Então, Cristo lhe foi oferecido antes de você se arrepende.

E, ao crente, posso afirmar: “Cristo não lhe foi oferecido porque você se arrependeu, mas porque era um pecador vil e perdido”. “A vós outros, ó homens, clamo.”

Se Cristo está se oferecendo gratuitamente a todos os homens, está claro que todos os que vivem e morrem sem aceitarem a Cristo receberão o juízo daqueles que rejeitaram o Filho de Deus. Oh, é algo muito triste o fato de que a verdade que é vida para cada alma que crê, é morte

para as que não crêem... Meu amigo, você não tem desculpa aos olhos de Deus, se for para casa sem salvação hoje! Se você morresse e pudesse dizer que Cristo jamais lhe foi oferecido, talvez teria um inferno mais brando do que provavelmente terá! Vocês precisa sair daqui se regozijando em Cristo ou rejeitando a Cristo hoje; ou salvos, ou mais perdidos do que antes. “Como escaparemos nós se negligenciarmos tão grande salvação?” (Hb 2.3).

(*Memórias de McCheyne*,  
Moody Press, p. 196.)

## VINDE A MIM

*E o que vem a mim,  
de modo nenhum o lançarei fora.*

João 6.37

Nenhum limite é colocado na *duração* desta promessa. Ela não diz: “Eu não lançarei fora o pecador que vem a mim pela primeira vez”, e sim: “De modo nenhum o lançarei fora”. O original grego afirma: “Eu *não, não* lançarei fora”; ou: “Eu *nunca, nunca* lançarei fora”. O texto declara que Cristo não rejeitará o crente na primeira vez que este se achege a Ele e que tampouco o rejeitará até ao fim. Mas suponha que o crente peque, depois de ter vindo a Cristo? “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 Jo 2.1). E se o crente se afastar do Senhor? “Curarei a sua infidelidade, eu de mim mesmo os amarei, porque a minha ira se apartou deles” (Os 14.4).

O Senhor Jesus prometeu: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.28). Quando você vier a Cristo, Ele o receberá e o tornará sua noiva. Você será dEle para sempre.

(Extraído de “Leituras Diárias”, Volume 1,  
C. H. Spurgeon, Editora Fiel.)

# O MARTÍRIO DE POLICARPO

*Nem as feras, nem a fogueira puderam  
abalar a fé exercida por este crente do século II.*

## **EPÍSTOLA DA IGREJA DE ESMIRNA À IGREJA DE FILOMÊNIO (156 D.C.)**

Policarpo (69-155 d.C.) fora ensinado pelo apóstolo João. Posteriormente se tornou presbítero da igreja de Esmirna. O documento que relata o martírio de Policarpo é um de nossos mais preciosos remanescentes do século II.

O admirabilíssimo Policarpo, ao ouvir falar que estavam à sua procura, não ficou desencorajado e decidiu permanecer na cidade. Entretanto, a maioria conseguiu convencê-lo a retirar-se. Então, ele se ocultou em uma pequena propriedade, não muito distante da cidade. Ali, passava o tempo com poucos acompanhantes, ocupado noite e dia em orações por todas as congregações espalhadas pelo mundo — o que, devemos dizer, era seu costume. Ora, estando em oração, teve um êxtase, três dias antes de seu aprisionamento, no qual viu que seu travesseiro se incendiava. Voltou-se para seus acompanhantes e lhes segredou: “É necessário que eu seja queimado vivo”.

Intensificando-se a perseguição contra ele, Policarpo fugiu para outra propriedade. Logo que se afastou daquele local, seus perseguidores chegaram; e, como não o encontraram, prenderam dois jovens servos. Um deles confessou sob tortura. Era realmente impossível o escape de Policarpo, pois os que o traíram pertenciam à sua própria casa. O comandante da guarda apressou-se a conduzir Policarpo ao estádio, para que recebesse a sorte que o aguardava por ser seguidor de Cristo.

Ora, quando adentrava o estádio, veio uma voz do céu que lhe dizia: “Sê forte, Policarpo e porta-te varonilmente”. Ninguém viu quem assim falava, mas a voz foi distintamente ouvida pelos crentes que estavam ali. Conduziram-no à arena, e grande foi o tumulto entre o povo, quando souberam que Policarpo fora aprisionado.

Então, disse-lhe o procônsul: “Tenho feras à minha disposição; se não te retratares, lançar-te-ei a elas”.

Policarpo respondeu: “Mandas. Pois retratar-nos do melhor para

o pior não é uma mudança a nós permitida; porém, passar da crueldade para a retidão é uma ação nobre”.

Retrucou o procônsul: “Se desprezas as feras, ordenarei que sejam consumido na fogueira, se não te retratares”.

Policarpo replicou: “Tu me ameaças com o fogo que consome por um momento e logo se apaga, pois desconheces o fogo do juízo vindouro, o fogo da punição eterna, reservado para os ímpios. Mas, por que te demoras? Ordena o que desejares”.

Ao proferir essas palavras e muitas outras, Policarpo foi tomado de coragem e regozijo. Sua fisionomia se encheu de graça, de tal modo que ele não se deixou abater pelas ameaças; e o procônsul ficou bastante perplexo. Este mandou o seu arauto dirigir-se ao meio do estádio e proclamar três vezes: “Policarpo se declarou cristão”. Quando isso foi proclamado pelo arauto, a multidão de gentios e judeus, habitantes de Esmirna, clamou com ira incontrolável, em voz alta: “Esse é o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o des-

truidor de nossos deuses, que tem ensinado a muitos que não sacrificuem nem adorem”. Continuaram bradando, rogando a Filipe, o asiarca, que lançasse um leão contra Policarpo. Mas o asiarca esquivou-se, dizendo que isso não era legal, pois ele mesmo acabara com aquele esporte. Então, resolveram gritar em unísono, pedindo que Policarpo fosse lançado à fogueira.

Em seguida as coisas se precipitaram com incrível rapidez, em menos tempo do que o necessário para relatá-las; pois a multidão trouxe, imediatamente, madeira e feixes de gravetos, tirados das lojas e dos banhos públicos. Estavam quase a ponto de encavar Policarpo com pregos, na estaca central, quando ele disse: “Deixem-me como estou. Aquele que me deu forças para suportar o fogo, também me permitirá que permaneça inabalável na pira, sem que esteja seguro por pregos”.

Ao terminar sua oração, o encarregado acendeu a fogueira. E grandes chamas se elevaram para o alto.



*Existem duas maneiras de apresentar e recomendar a verdadeira religião e a virtude ao homem: uma é mediante a doutrina e o preceito; a outra é por instância e exemplo.*

**Jonathan Edwards**